

LIÇÕES DE PARINTINS

TURISTA, TORCEDOR, TUPINAMBA

I

O Festival Folclórico de Parintins realiza-se, com um formato organizativo que se foi alterando ao longo do tempo, desde 1965. Parintins é uma ilha maravilhosa situada no grande Estado do Amazonas, no Brasil, mais ou menos a meio caminho entre Manaus e Belém (capital do Estado do Pará). Parintins tem perto de 120 000 habitantes e recebeu em 2017 cerca de 70 000 visitantes durante o Festival.

Hoje em dia, o Festival realiza-se todos os anos no último fim de semana de Junho. Numa arena desenhada em forma de cabeça de boi, chamada Bumbódromo, em 3 noites consecutivas, as agremiações representativas do Boi Caprichoso e do Boi Garantido apresentam, cada uma, 3 espetáculos inéditos, cada um com 2,5 horas de duração. A exibição reúne música (“Boi” também é uma forma musical), dança, canções, declamações e uma sofisticada cenografia composta por dezenas de “alegorias” - engenhosas construções cénicas animadas por uma multiplicidade de “efeitos especiais”. O espetáculo não envolve nenhum boi, animal vivo. No final das três noites um júri atribui a vitória a um dos bois.

A origem da celebração é descrita de várias formas : festividade de origem religiosa e/ou pagã, oriunda do Nordeste, talvez com raízes portuguesas e/ou africanas ; fábula mágica sobre a morte e ressurreição de um boi e a salvação de uma comunidade ; criação, no início do século XX, de dois pequenos bois, brinquedos artesanais, por duas crianças que se tornaram figuras de referência local. As descrições disponíveis são intermináveis e contraditórias. Hoje em dia, o elemento mais forte é a valorização das especificidades históricas e culturais da Amazónia, “aldeia mística”.

Importa o que permanece : a alegria de “brincar de Boi” e a rivalidade entre os Bois.

O espetáculo oferecido pelos Bois-Bumbá reúne, de forma original, as características de três das mais empolgantes experiências culturais que conheço : a ópera, o futebol e o Carnaval.

Ao falar de ópera recordo aproximações a encenações barrocas e, sobretudo, a experiência do “Ring” de Wagner, em particular quando se assiste às quatro óperas em sequência num curto período de tempo. Retenho, em comum, o império do ritmo, o arrebatamento da voz e o poder de atração visual das cenografias. Sem sequer especular sobre convergências nos modos de combinação entre figuras reais e sobrenaturais, psicologias humanas e destinos transcendentais, deuses, heróis, feiticeiros, gigantes, mártires e meros humanos. Não sei quase nada sobre ópera mas ousou dizer que gosto de ver e ouvir Bryn Terfel (o meu Wotan). Já no caso do Boi, não hesito em enaltecer a voz de David Assayag, atual “levantador de toadas” (cantor) do Boi Caprichoso e, por certo, uma das mais belas vozes vivas no mundo.

Enfim, paixão. Com a vantagem de a música ser, por definição, uma coisa incompreensível, o que significa que pode (não) ser compreendida por todos. O tópico da rivalidade conduz-nos ao futebol. A rivalidade entre os dois Bois é tal que a pequena ilha de Parintins está, para quase todos os efeitos práticos, dividida em duas partes, em que imperam de um lado a cor azul e do outro a cor vermelha. É o único local do mundo onde a Coca Cola é vendida em latas não apenas vermelhas mas também azuis. Foi necessária uma autorização da administração central da empresa para que a Coca Cola pudesse usar esta cor, nomeadamente na publicidade, durante o Festival. Do mesmo modo, o Facebook criou recentemente um novo emoji para satisfazer uma torcida à qual repugnava ter de usar nos seus likes a cor do Boi contrário.

O Bumbódromo está dividido ao meio ficando de um lado a “galera” do Caprichoso e do outro a “galera” do Garantido. Não se pode (mesmo) estar no meio de uma “galera” vestido com a cor do “Boi contrário”. Durante a exibição do seu Boi o respetivo público (também sujeito a pontuação pois faz parte da apresentação) atua, acompanhando o espetáculo (de forma ainda mais intensa que o público do futebol, mesmo se considerarmos o público do Liverpool nas suas melhores tardes), enquanto a outra metade da bancada permanece em silêncio e sem iluminação. Contam-se histórias de prefeitos que mandaram alterar as cores nos semáforos e nas passadeiras para peões de acordo com as cores dos seus bois. A natureza lúdica do espetáculo não exclui uma radical rivalidade com elaboradas implicações políticas e financeiras.

Para ilustrar a dimensão dramática (“operática”) do futebol em geral bastará recordar a saga do Brasil na Copa 2014 : desde o atentado colombiano (talvez encomendado pelos argentinos) contra Neymar até ao desfecho “ trágico”(1-7) com a Alemanha.

Enfim, paixão. Com a vantagem de o prazer do jogo (combate) e o desejo de vitória serem sentimentos tão pouco nobres quanto partilháveis por toda a espécie humana.

Aqui chegados, a evocação do Carnaval já deve parecer óbvia, mas importa esclarecer que, para mim, a principal referência, apesar das semelhanças formais, não é o Carnaval do Rio, um espetáculo relativamente convencional. Importará, ainda assim, referir que as melhores escolas do Rio, e também de São Paulo, contratam em Parintins muitos dos seus melhores colaboradores cenográficos que, por sua vez, transformam o Festival de Parintins no momento ideal de apresentação das suas mais deslumbrantes e inovadoras criações. Uma vez terminado o Festival, os artistas rumam para o Sul para trabalhar para o Carnaval, regressando em Fevereiro para começarem a produzir as novas “alegorias” do próximo Festival.

Invoco o Carnaval de rua, tomando como exemplo o Carnaval de Salvador, que permite uma participação intensa e abrangente e uma interpenetração fluida entre performers, participantes e espectadores.

Há diferenças entre ir em cima do “trio elétrico”, assistir “de” camarote, ir “dentro” da “corda” (que delimita o espaço de quem pagou para estar junto ao “trio”) ou ir na “pipoca” (fora da “corda”), mas não há como excluir quem quer que seja. Não pode ser proibido estar na rua. As ruas ficam fisicamente cheias. Enfim, paixão. Com a vantagem de toda a população estar, por definição, convidada e convocada.

Em Parintins a distinção entre as formas de participação é ainda mais sofisticada e com um mais acentuado pendor igualitário.

A maioria dos lugares no Bumbódromo está reservada para as “galeras” que não pagam entrada. Em contrapartida, como a admissão é por ordem de chegada, os torcedores fazem fila desde a madrugada, o que transforma a própria fila num espetáculo permanente em que a animação só é igualável pelo consumo de latinhas de cerveja e pela capacidade de resistência física.

“Não tem fila, não tem sol / vento, chuva ou temporal / pode vir o que vier / é isso que é galera quer”

O resto dos lugares correspondem a entradas pagas e camarotes destinados a convidados e entidades institucionais.

Diz-se que os menos afoitos convidados VIP acabam por não poder sentir o Festival. Ficam alojados no único grande hotel da ilha e comutam de van entre a arena e o hotel sem nunca chegarem a sentir a ilha.

A mais importante expressão da participação popular comunitária consiste no envolvimento de toda a ilha no Festival. Uma grande parte da população participa, de modo direto ou indireto, ao longo do ano, na preparação do Festival. Este envolvimento estende-se a milhares de pessoas que, na cidade de Manaus, também se preparam, durante todo o ano, para participar no Festival. Por seu turno, durante o Festival, a atmosfera de festa é permanente e as pessoas, depois de saírem do Bumbódromo, cerca das 2 da manhã, permanecem nas ruas até ao amanhecer e à rua regressam assim que se conseguem levantar das suas camas ou redes.

“ Amanhã, não me chama, não me espera / de manhã, amanhecendo com a galera / andando pela rua com o meu amor / do outro lado o Caprichoso e um marujeiro no tambor / Vou tomando uma, vou tomando duas. / Sou o que quiser, danço de cunhã, danço de pajé / Sou artista, levantador / sou até presidente, tudo nesse boi “

II

Aquém e Além das Artes

Quando comecei as minhas investigações na área da sociologia da cultura, no âmbito da pesquisa para a minha Tese de Doutoramento no ISCTE-IUL, creio que o texto que mais me motivou foi “ Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular e a cultura de massas)” da autoria da minha orientadora Maria de Lourdes Lima dos Santos.

Tenho por vezes a sensação que, desde então, não tenho deixado de continuar a visitar e atualizar esse texto. O desenvolvimento do tema ficará para os meus próximos livros. Aqui, numa formulação simplificada (e simplista, o que tem a vantagem de a tornar mais vulnerável, como convém), tentarei formular algumas hipóteses.

A modernidade (não cabe aqui discutir a noção que utilizo na sua aceção mais comum) artística, cultural, social e política terá aberto ou aprofundado, no tecido social alargado, considerado como um todo - ou na opinião pública em sentido amplo -, uma distância entre os valores mais difundidos e consagrados – ou seja, reconhecidos de modo mais abrangente em termos sociais, e por vezes designados como mais tradicionais, embora não o sejam necessariamente - e as obras e valores que, não partilhando nem corroborando essas características e modos de inserção social, quiseram ser e foram, por isso mesmo, chamados modernos.

A distância foi geralmente considerada estimável (e quanto mais melhor) pelo pensamento que se considera progressivo já que, parece que por definição, o novo (vanguardas, etc) seria o bom, o bem, em suma, o melhor para todos. Esta convicção é independente e indiferente em relação aos resultados de qualquer tentativa de apuramento das opiniões dos referidos “todos”. Tal crença é facilmente defensável no âmbito das práticas artísticas, em sentido estrito, onde desde há muito (embora não desde sempre) nos habituámos a celebrar a novidade, a invenção, a criatividade e a ultrapassagem de limites. Dir-se-ia que é para isso mesmo que serve a arte. Império da imaginação sem limites.

A distância moderna ou vanguardista torna-se mais problemática se nos deslocarmos para o terreno mais alargado das práticas culturais e seus contextos sociais (nem falando já das “vanguardas” políticas). A distância torna-se diferença entre as práticas, valores e gostos mais difundidos e consagrados (entre as maiorias sociológicas, medidas pela opinião pública ou audiências generalistas não especializadas) e as cada vez mais extraordinárias criações de artistas cada vez mais modernos.

Uma grande parte destas práticas artísticas incluem-se no que não é fácil não designar por cultura de elite. Seja qual for a designação que se queira adotar parece evidente que nelas não se revê nenhum tipo de maioria sociológica. Assumindo a relevância social e valorização cultural, fundamentais, das práticas da arte contemporânea, e dos seus sempre renovados exemplos de ilimitada liberdade da imaginação, que acima de tudo importa preservar, julgo que, do ponto de vista sociológico, é necessário perguntar, utilizando uma linguagem simplista e direta : porque é que (quase) ninguém liga (quase) nenhuma a isto ?

Refiro-me a uma parcela substancial das obras apresentadas nas mais prestigiadas exposições internacionais de arte contemporânea ou festivais de cinema, que literalmente, não interessam a quase ninguém. Nem já sequer, muitas delas, a mim próprio. Talvez, e aqui arrisco uma hipótese bastante especulativa , porque delas está ausente qualquer possibilidade de : real experiência de partilha emocional alargada ; ancoragem em valores sentimentais diretamente reportáveis à experiência biográfica ou à incorporada memória dos que nos precederam ; sentido jubilatório do jogo e da brincadeira ; libertação em relação aos ditames das conveniências do bom gosto e do bem pensar formais e ideológicos ; reivindicação da alegria como valor supremo.

Estas possibilidades, a que a arte contemporânea – considerada sob as tonalidades cinzentas dos seus exercícios mais medianos - raramente consegue sequer aspirar, são oferecidas, com a maior amplitude e generosidade, por práticas culturais como, para dar apenas alguns exemplos, a devoção religiosa, o futebol, o Carnaval ou, para ser ainda mais concreto, o Festival de Parintins.

Por isso elegi o Festival de Parintins como objeto privilegiado para uma reflexão sobre os vários nós problemáticos que hoje em dia se tecem em torno das noções de cultura.

Ele é, ao mesmo tempo : cultura tradicional e cultura de massas ; popular e de elite ; identitário e global ; conservador e inovador ; ecológico e mercantil ; intelectual e emocional.

Tradicional porque todas as suas estruturas básicas - em termos formais e narrativos - remetem para elementos históricos tradicionais multiseculares e multiculturais. É evidente e preponderante a vinculação à imaginação indígena ancestral e aos fluxos culturais e religiosos oriundos de diferentes regiões do Brasil (sobretudo o Nordeste) e do mundo (sobretudo a Europa e a África). É um fenómeno popular de massas porque toda esta diversidade e riqueza de diferenças é mobilizada sob as formas de um espetáculo (viva a sociedade do espetáculo !) que mobiliza todos os recursos técnicos e artísticos disponíveis para seduzir, encantar e apaixonar as multidões que nele participam com alegria. Ao contrário dos entediantes bocejos etnográficos, e das tão bem intencionadas quanto paternalistas intervenções de propaganda ideológica, que se tornaram características de tantos dos piores exemplos das pesquisas “sociologizantes” em curso no território da arte contemporânea.

A tensão entre a via tradicional e a via global de massas não deixa de se manifestar. Por exemplo, nas complexas negociações, todos os anos renovadas, sobre os direitos de transmissão televisiva. Desde há anos que a “Globo” se propõe fazer um contrato para tornar o espetáculo um acontecimento televisivo “global” (na aceção que a palavra tem no Brasil, onde significa “controlado pela TV Globo”). As negociações nunca chegaram a um acordo porque a estação pretende uma modificação do horário e duração dos espetáculos, de forma a conciliar as transmissões ao vivo com a sua programação.

É cultura popular porque é feita “pelo povo e para o povo” (as maiorias sociológicas) a partir das suas histórias, memórias, saberes e modos de fazer e de contar (cantar e dançar incluídos) e tendo em vista a satisfação dos seus sonhos e desejos de sentir prazer e alegria. Corre o risco de começar a ser também cultura de elite, porque a sua admirável qualidade técnica e estética começa a alcançar reconhecimento generalizado, e porque mesmo as mais deploráveis elites sociais brasileiras começam a admitir a hipótese de, talvez um dia, uma vez sem exemplo, viajarem até ao fim do mundo (tão longe de Paris) para observar o fenómeno.

É identitário, porque afirma de modo constante as suas raízes étnicas, religiosas, históricas e geográficas. É global, porque afirma de modo igualmente constante

(e totalmente “tourist friendly”) que os seus valores são humanistas e universalistas. Parintins define-se no mundo como lugar único e aberto a todo o mundo. Ilha encantada.

“ O ritmo é de Boi! / é do Norte, é do mato, um sacode um balanço / gostoso / tá cheio de amor pra dar / não pede passaporte nem qualquer documento, vem / deixa o som te levar nessa festa meu bem “

É um espetáculo conservador, porque conserva narrativas, histórias, cenografias, coreografias, ritmos e sonoridades que, sendo património adquirido da história do Festival, são repositório de modelos culturais profundamente enraizados na herança histórica mais geral. É renovador, porque nunca assumiu o modelo etnológico ou museológico e concebe a herança como matéria de trabalho constante de transformação semântica e inovação espetacular. Todos os anos os Bois rivalizam na procura dos mais sofisticados twist e das mais espetaculares inovações tecnológicas para recriar e inventar as “figuras obrigatórias” do Festival.

É um acontecimento pro-ecológico porque, pelo menos no período mais recente, a atitude ecológica e a reivindicação preservacionista em relação à Amazônia são uma referência constante nos conteúdos e estratégias de comunicação do Festival. É mercantil, porque tem uma importância decisiva na economia geral da ilha designadamente através da multiplicação do seu potencial turístico. Em 2017 a contribuição do Festival para a economia do Estado do Amazonas foi de cerca de 120 milhões de reais. É, também, para a escala da ilha, um gigantesco empreendimento económico, com uma complexa gestão financeira, em que se entrecruzam interesses privados, públicos e políticos – como se sabe há uma imensa distância entre interesses políticos e interesses públicos.

Finalmente, e para concluir de forma apressada, é intelectual porque me dá vontade de pensar e é emocional porque me faz sentir muito bem.

III

Arena das paixões

Não cabe aqui uma análise, ou sequer descrição suficientemente detalhada do Festival, que permita fundamentar a hipótese formulada no que diz respeito à especificidade e riqueza das possibilidades culturais e vivenciais proporcionadas pela sua experiência, no quadro de uma reflexão alargada sobre a eficácia e potencialidades das formas contemporâneas de cultura popular tradicional e de massas.

Abordaremos apenas dois tópicos : a arena e as estórias.

Assim que me começaram a falar do festival de Parintins foi-me dito que teria que escolher o meu Boi. A questão não me pareceu estranha dadas a minha longa experiência de paixão clubista na área do futebol. Curiosamente, as circunstâncias afetivas que envolveram a minha decisão, implicaram, da minha

parte, uma mudança de “cores” que nunca imaginara possível e que agora, à distância, quase deixou de me parecer penosa, por ter inscrito na própria natureza deste meu envolvimento uma singularidade (a de um momento e decisão inaugurais) que me afastou da tentação de preferir a busca de afinidades adquiridas à demanda das diferenças em relação à minha experiência do futebol.

Um primeiro aspeto relevante diz respeito ao absoluto binarismo. Só há duas equipas. O confronto é binário por definição. O pluralismo não faz parte do jogo, embora sejam aceites expressões paralelas de Bois específicos, com vocações próprias (por exemplo o Boi Boiola, Boi Gay), mas que não fazem parte do grande jogo da Ilha.

A neutralidade ou indiferenciação são quase impossíveis. É preciso escolher um Boi. Algumas poucas atitudes escapam a esta necessidade. Uma delas é a do total alheamento em relação ao festival o que não parece ser muito comum. Uma outra atitude mais interessante é a de alguns pequenos grupos religiosos que durante o Festival fazem uma aguerrida campanha militante de denúncia do Boi como obra do Demónio. O volume sonoro desta propaganda é extremamente elevado julgo que para causticar as ressacas dos pecadores.

É claro que pode haver quem pretenda só querer apreciar o espetáculo enquanto espetáculo (tal como há quem o diga em relação ao futebol), sem apoiar nenhuma equipa, mas não sei como evitam a sensação de estarem a perder o que é mais importante na experiência emocional do Festival. E também sempre me pareceu que há muitas outras manifestações artísticas mais adequadas a esse tipo de fruição “desapaixonada”.

A dificuldade em encontrar quem consiga parecer adotar este tipo de postura manifesta-se, de forma objetiva, na crescente dificuldade, ano após ano, em encontrar formas de seleção dos jurados – que têm de ser aprovadas por ambos os Bois - que minimizem a probabilidade de estes já alguma vez terem manifestado simpatia por um dos Bois ou de se revelarem sensíveis aos argumentos dos poderosos lobbys que, em nome dos Bois, a partir do momento da sua nomeação, os assediam, das formas mais e menos imaginativas, para assegurar um voto favorável.

Curiosamente, isto faz por vezes com que se selecionem para jurados pessoas que não conhecendo nada sobre os Bois também não têm, em três noites, possibilidade de perceber o que quer que seja, acabando por votar em função não se sabe de quê. É como naquelas escolhas políticas em que, para manter o equilíbrio entre facções, se acaba por escolher o mais incompetente.

No último ano, a solução consistiu em ir buscar pessoas com formação académica ou especializada nas áreas artísticas do Festival e que, tendo já sido no passado membros do júri, não tenham sido acusados de corrupção. É difícil calcular quantas pessoas no Brasil poderão reunir estas condições.

Um outro aspeto fundamental do confronto entre os Bois (nomeadamente em relação ao futebol) é a ausência de confronto direto. Eles não se exibem um contra o outro mas sim um a seguir ao outro e as respetivas torcidas têm o exclusivo da luz e do som durante a respetiva apresentação. É como um jogo de futebol em que jogasse uma equipa de cada vez ; o que se aproxima, aliás, da minha experiência pessoal do futebol em que, na realidade da experiência do estádio, creio só conseguir ver os jogadores da minha própria equipa.

Em relação ao resultado final todos partilham uma mesma saudável atitude que acaba por minimizar as possibilidades de tristeza ou confrontos desagradáveis. O vencedor comemora a vitória. O derrotado sabe que foi roubado pelos jurados e não merecia ter perdido e, portanto, não tem razão para não estar contente. No próximo ano cá estaremos e veremos o que acontece.

A riqueza, diversidade e complexidade das linhas narrativas que se cruzam em cada espetáculo do Boi torna impossível fazer aqui sequer uma enumeração que não seja apenas exemplificativa.

Avulta uma narrativa originária, que continua a ter presença regular e quase obrigatória, que toma a forma de um Auto do Boi.

Surgem depois as narrativas históricas associadas à criação dos dois Bois enquanto brinquedos, originalmente feitos por crianças em determinadas circunstâncias entretanto inscritas na história dos respectivos Bois. Os descendentes dos criadores continuam a ter uma presença especial na arena. Lugar de relevo tem ainda a devoção religiosa católica, concedendo o maior destaque à Nossa Senhora do Carmo à qual está dedicada a Catedral de Parintins. A catedral é o local central que polariza e estrutura toda a geografia e dinâmica da vida local, incluindo e suponho que abençoando os usos e costumes mais notívagos.

Como se tudo isto não bastasse o maior protagonismo narrativo pertence, sem dúvida, às histórias relacionadas com a Amazônia, a vida e o trabalho dos seus povos e as suas crenças e mitos. Sem entrar em especulações etnológicas basta constatar que o manancial de histórias e figuras associadas às águas do rio, à floresta, à fauna e à flora da região e a multiplicação de lendas, mitos e personagens sobrenaturais e heróis extraordinários são infinitas até porque parecem ser todos os anos renovadas e (re)inventadas.

No processo imaginativo associado à exposição TAWAPAYERA levei sobretudo em conta apenas três elementos (cantor, pajé e galera) de um total de vinte e um itens e variáveis incluídos e avaliados no conjunto do espetáculo.

Para fazer justiça à complexidade do Festival, deixo aqui a enumeração dos restantes (a listagem é de 2004) : batucada/marujada ; amo do boi ; toada, letra e música ; porta-estandarte ; sinhazinha da fazenda ; rainha do folclore ; cunhã-poranga ; coreografia ; vaqueirada ; ritual indígena ; tribos indígenas ; tuxauas ; figura típica regional ; alegoria ; lenda amazônica ; apresentador ; boi-bumbá, evolução; organização do conjunto folclórico.

Sobre o Pajé e os seus Rituais deixarei que falem as imagens.

Termino evocando a voz de David Assayag : o verdadeiro Uiarupuru, o Imperador, a Voz do Amazonas. Voz do Povo.

